

A CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO DOCENTE:

O ethos discursivo do docente no Projeto de Residência Pedagógica

BRAGA, Luana de Paula¹
OLIVEIRA, Célia Zeri²

RESUMO: A residência pedagógica, vinculada ao PIBID, visa formar licenciandos através do estágio na educação básica. O PRP - Saberes Tecidos em Escrita e Leitura, coordenado pela Dr. Célia Zeri De Oliveira, em parceria com a Escola Estadual Jarbas Passarinho, contribui para a formação universitária. A metodologia, embasada em teorias freianas e bakhtianas, promove diálogos entre residentes, preceptores e coordenadores, gerando um ethos discursivo docente. A implementação do PRP reflete o modelo da residência médica, adaptado ao contexto educacional, proporcionando uma formação intensiva e colaborativa. Desde o processo seletivo até a imersão na escola, os residentes desenvolvem habilidades em resposta aos desafios da educação básica, transcendendo as limitações curriculares. Portanto, Os residentes, ao revitalizarem o ambiente escolar e promoverem a transformação pedagógica, demonstram criatividade e engajamento. A colaboração com preceptores e coordenadores possibilita atividades práticas adaptadas às necessidades dos alunos, fortalecendo o vínculo entre residentes e alunos e promovendo reflexões sobre o papel do professor como mediador do conhecimento e desenvolvimento humano.

PALAVRAS-CHAVE: residente; diálogo; revitalização; docência.

1 INTRODUÇÃO

A residência pedagógica é um Programa vinculado ao PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - que busca promover a formação do estudante do curso de graduação de licenciatura – neste caso, curso de Licenciatura em Letras – língua portuguesa – através do estágio supervisionado dentro da escola da educação básica. Portanto, o PRP – Saberes Tecidos em Escrita e Leitura coordenado pela Dr. Célia Zeri De Oliveira concatenou juntamente com a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jarbas Passarinho, a formação dos residentes da Universidade Federal do Pará mediante ao estágio, desta forma, contribuindo para formação do universitário além das salas de aulas.

A metodologia, logo, é baseada nas teorias freianas e bakhtianas, os diálogos perpassam entre a docência entre residentes e preceptoras e a coordenadora. Sendo, portanto, um fenômeno integral e materialização, o diálogo, repercute entre os residentes e os coordenadores, uma formação única e vivida de experiências e produzindo o *ethos* discursivo do professor em formação.

A implementação do Programa de Residência Pedagógica (PRP) tem sido significativo na construção do *ethos* docente, espelhando-se no modelo da residência médica, porém adaptado ao campo educacional. Ao longo dessa jornada, os residentes mergulharam em uma prática intensiva e colaborativa, acompanhados por profissionais experientes, aprimorando seus conhecimentos e habilidades em resposta aos desafios do dia a dia na educação básica.

Desde o processo seletivo, no qual os residentes apresentaram suas motivações e experiências anteriores, até a imersão no ambiente escolar, a formação docente foi tecida em uma teia de experiências multifacetadas. No entanto, o programa não apenas preenche o vazio deixado pela formação acadêmica, mas também transcende as limitações curriculares, promovendo uma integração profunda com a realidade das escolas públicas brasileiras.

A partir dessa imersão, os residentes não apenas assumiram um papel ativo na revitalização do ambiente escolar, como também se tornaram agentes de transformação pedagógica. Através de iniciativas como a renovação da sala de leitura e a criação do *Black Stories* Amazônicos, os residentes demonstraram uma abordagem criativa e engajada na promoção da aprendizagem significativa.

Além disso, a colaboração estreita com preceptores e coordenadores permitiu o desenvolvimento de atividades práticas em sala de aula, adaptadas às necessidades específicas dos alunos, como a Oficina de Redação para os estudantes do Ensino Médio. Esse mergulho profundo no contexto escolar não apenas fortaleceu o vínculo entre os residentes e os alunos, mas também suscitou reflexões profundas sobre o papel do professor como mediador do conhecimento e centralizador do desenvolvimento humano.

2 METODOLOGIA

Após a jornada inicial com os alunos, compreendemos a necessidade de suscitar nos alunos outras habilidades como de retextualização e, logo, desenvolvemos uma adaptação do jogo *Black Stories* que propõe serem lógicos e desenvolver práticas de interpretação e desenvolvendo habilidade EF12LP04, promovendo a leitura colaborativa e a compreensão de diferentes gêneros textuais, como listas, instruções e textos literários, relacionando-os à vida cotidiana, levando em consideração que a retextualização, revisão e reescrita são processos diferentes na produção textual.

A *retextualização*, enquanto, implica em mudanças substanciais no texto, motivadas pela alteração dos propósitos comunicativos ou dos gêneros textuais envolvidos, a *revisão* e a *reescrita* têm como objetivo aprimorar o texto existente, ajustando-o à situação discursiva sem alterar sua retórica comunicativa, revisão e reescrita são etapas no processo de aperfeiçoamento de um texto antes de entregar para leitor ou, neste caso, o jogador.

Portanto, a necessidade de diversas possibilidades de retextualização, como a transição de forma oral para forma escrita, de forma oral para forma oral, de forma escrita para forma escrita, de forma multimodal para forma oral, de forma multimodal para forma escrita, de forma não verbal para forma escrita, entre outras.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após as primeiras inserções em outras turmas, transitei das turmas do 3º ano do ensino médio para as do fundamental, sob a orientação da preceptora Alessandra Paes. Em seguida, discutimos sobre as turmas do 7º ano do fundamental e definimos os dias para regência. Organizados em trios e duplas, a preceptora também leciona para turmas do ensino médio. No primeiro dia de aula, focamos na observação e na criação de estruturas lúdicas para os alunos. Partindo então para a construção *do Black Stories Amazônicos* como uma experiência

lúdica para explorar as lendas que permeiam o universo amazônico de seres místicos.

O jogo foi apresentado aos alunos com o objetivo de incentivá-los a serem investigadores, desvendando os mistérios contidos nos enigmas, que variam desde incidentes simples, como um gato quebrando um aquário, até casos complexos de assassinato acidental, esses enigmas foram elaborados para estimular a compreensão e o raciocínio lógico por meio de textos. Compreendendo boa parte do período do PRP, evidencia-se a interlocução com os demais alunos compreendendo a realidade que eles convivem e criando um vínculo, como pontuou Bakhtin:

“A enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada a um interlocutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido etc.). Não pode haver um interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado.” (Bakhtin, 1997, p.116)

Os alunos se mostraram entusiasmados, portanto, iniciaria suas concepções em grupos e discutiram entre si tanto as lendas quanto as artes, assim, as produções foram realizadas e os alunos se permitiram divertir e adaptando as lendas para os enigmas. Assim, resultou em diversos tipos de cartas e enigmas com diálogo que eles criaram entre si. No entanto, alguns alunos enfrentaram questões pessoais durante a elaboração do *Black Stories*, as quais foram discutidas com a preceptora e os demais residentes, Carla e Júnior.

Estamos em processo de estabelecer contato com profissionais de outras áreas, como psicologia, para compreender melhor esses alunos e oferecer intervenções adequadas para lidar com seus sentimentos e desenvolver a literatura como um projeto que levantou reflexões sobre o significado da literatura, ressaltando seu papel como portadora de experiências e vivências.

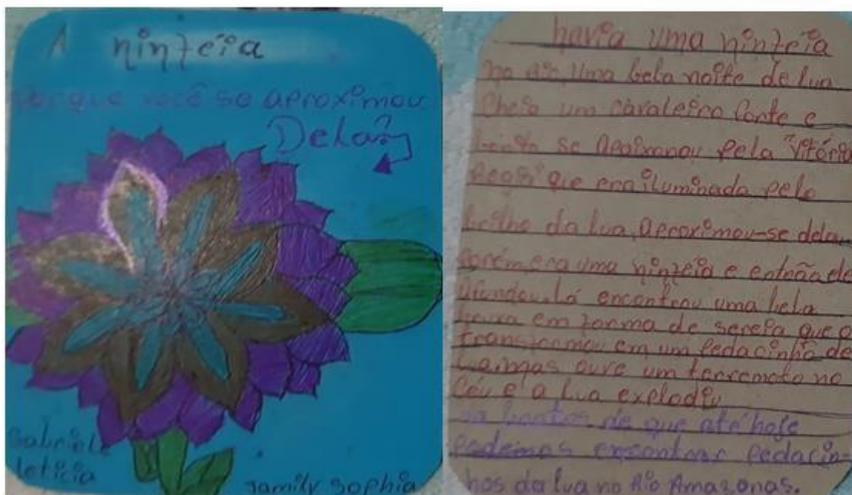
Essa compreensão mútua entre aluno e professor converge para a construção do *ethos*, *pathos* e *logos*, estabelecendo uma relação de via dupla entre ambos. Então, rege um grande dilema, afeição dos alunos e ser professor dentro de sala de aula.

Neste ponto, a uma leve quebra do decoro e dar o conforto possível para auxiliar o discente naquele momento de suspiro que atravessa pela escrita. Uma parte de ser professor forma-se naquele momento, “sair de si, rumo ao exterior viagem e aventura fora de si, inspeção da exterioridade” (Chauí, 2002 p.161) é se reconhecer no aluno e reconhecer uma parte de si naquele momento. Ou seja, Larrosa (2002), a vivência necessita de um tempo, espaço, silêncio, sentir e o escutar. Cabe nesse sentido, ampliar o que pensa na troca de vivência sem sair no decoro do professor, é um exercício hercúleo:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém ao mesmo tempo, quase nada nos acontece [...] nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (p.21)

Logo, é interessante pontuar que um grupo de 18 residentes tenha experiência de forma única esses últimos anos, partindo da criação de um teste de seleção para alunos formados e concluintes que pretendem seguir adiante na academia e na docência. A docência é um caminho árduo, estou diante de ambos os lados do que rege o ensino, diante da luta cotidiana dos professores da educação básica para lidar com ambiente que existe dentro de sala e a lida de como pode ser surpreendente.

Afinal, o quanto mais professor ao se deparar em sala de aula com diversos alunos e diversas vivências torna tudo mais complexo e árduo. No entanto, o que se pode requerer de tempos em tempos são os diálogos, com os apoios de rodas de conversas sobre vivenciar o ensino em sua plena construção, e compreender que não está só. Também, assim, entender os professores que estão lidando com tudo e com todos. E transferir nossas experiências para outros âmbitos e lugares.



Fonte: Acervo PRP.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, partindo das experiências relatadas, observamos que o ensino na prática é desafiador e reflexivo. Encontramos, dentro dessa prática, que ensinar é apenas uma parcela do que realmente é revelado. O professor deve estar atento às metodologias, aos avanços e ser criativo em busca de melhorias dentro das possibilidades apresentadas pela escola e pelos alunos.

É essencial compreender as dificuldades e adaptar-se à realidade apresentada, logo, a imersão neste período possibilitou conhecer e reconhecer o contexto da regência e da docência, estimulando não apenas o desenvolvimento da habilidade de ensinar, mas também a criatividade com outras ferramentas além do lápis.

Além disso, compreendemos que a docência vai além do ensino, envolvendo a compreensão de um ser humano complexo, com nuances e vivências únicas. A prática docente é um enigma que nos leva por um caminho sem precedentes ao percebermos que estamos lidando com alunos que absorvem emoções de todos os lados.

O professor, portanto, compreender aqueles que estão presentes em sua sala de aula, sem perder de vista suas próprias necessidades de apoio e compreensão. O desafio do professor está em equilibrar sua função docente com o suporte psicológico necessário e entender o universo do aluno.

Assim, as construções e experiências tornam-se ainda mais significativas quando abraçamos os espaços dos alunos e os envolvemos com literatura e

linguística. Ao longo dos anos, espera-se que o aluno se lance no mundo que o representa, e o professor desempenha o papel de apresentar-lhe os instrumentos necessários para isso.

5 AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar gratidão profunda à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio fundamental na implementação do Programa de Residência Pedagógica (PRP). À Professora Célia Zeri De Oliveira, coordenadora do PRP - Saberes Tecidos em Escrita e Leitura, agradecimentos pela liderança, organização e aconselhamentos diante dos dilemas que surgem no dia a dia. Também desejamos estender nossos agradecimentos à Universidade Federal do Pará (UFPA) por proporcionar o ambiente propício para o desenvolvimento acadêmico e prática dos residentes, engrandecendo assim a parceria entre academia e a educação básica.

Agradecemos igualmente à Escola Estadual Jarbas Passarinho por abrir suas portas e colaborar conosco neste projeto de formação docente, e aos preceptores e coordenadores que compartilharam seu conhecimento e experiência, enriquecendo assim a jornada de aprendizado dos residentes. Por fim, expressei minha gratidão aos residentes, cujo comprometimento e entusiasmo foram essenciais para o sucesso da prática docente.

REFERÊNCIAS

ANGELO, Cristiane Malinoski Pianaro; MENEGASSI, Renilson José; FUZA, Angela Francine (org.). **Leitura e Ensino de Língua**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo Contexto, 2005.

BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Escala de proficiência do SAEB**. Brasília, DF: INEP, 2020. BRASIL.

Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Matrizes de referência, tópicos e descritores da Prova Brasil**. Brasília: MEC/SEB/Inep, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, (1929).1992

BENFICA, M. F. B. **Atividade de retextualização: os conhecimentos linguístico-discursivos acerca das diferenças entre o texto oral e escrito**. Dissertação de mestrado. FALE/UFMG - Belo Horizonte, 2003.

DELL'ISOLA, R. L. P. **Retextualização no ensino de linguagens**. Belo Horizonte: Editora Fale/UFMG, 2010

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, Luis B. L. **Linhas de ação da diferença. Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. ALLIEZ , Eric (org.) São Paulo: Ed. 34, 2000, p.49-63.